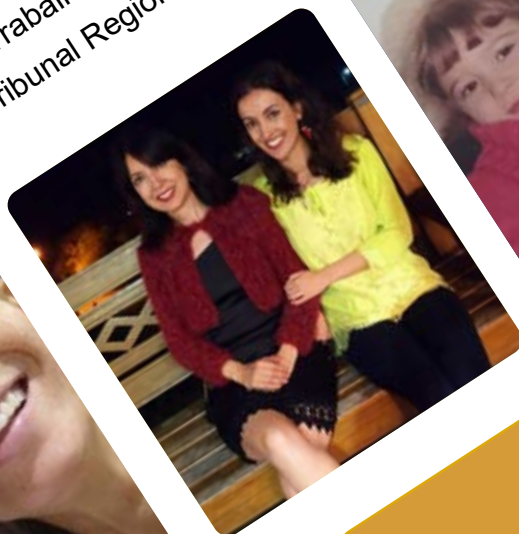
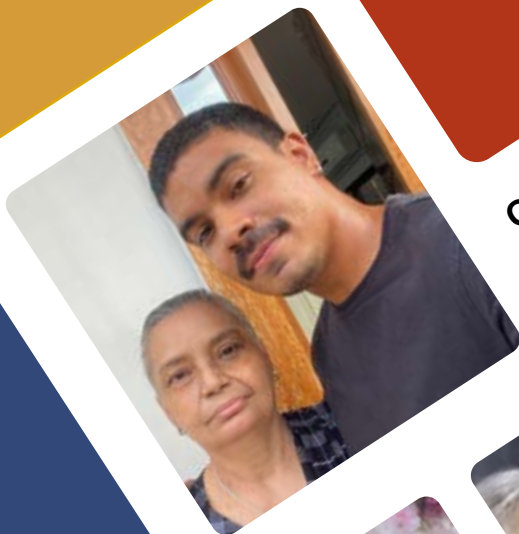


ORGANIZAÇÃO E REALIZAÇÃO

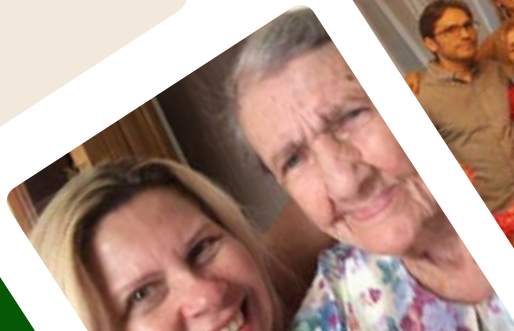
Tribunal Regional do Trabalho da 14ª Região
Escola Judicial do Tribunal Regional do Trabalho da 14ª Região



PROJETO ANTOLOGIA POÉTICA

Amor de Mãe

Em homenagem ao Dia das Mães



“Amor de Mãe” em homenagem ao Dia das Mães

Projeto “Antologia Poética”

1ª Edição – Maio 2024

REALIZAÇÃO

Tribunal Regional do Trabalho da Décima Quarta Região (Rondônia e Acre)

ORGANIZAÇÃO

Secretaria Executiva da Escola Judicial do Tribunal Regional do Trabalho da Décima Quarta Região

PREFÁCIO

Ariel Rodrigues dos Santos - Servidor da Justiça do Trabalho de Rondônia e Acre

APRESENTAÇÃO

Edson Carvalho Barros Júnior - Juiz do Trabalho do Tribunal Regional do Trabalho da 14ª Região

REVISÃO TEXTUAL

Ariel Rodrigues dos Santos
Flávia Cristina Fidelis Moraes

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Um Design Gráfico

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) **(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Versos de amor em homenagem ao Dia das Mães [livro eletrônico] / organização Tribunal Regional do Trabalho da Décima Quarta Região, Escola Judicial do Tribunal Regional do Trabalho da Décima Quarta ; prefácio Ariel Rodrigues dos Santos . -- 1. ed. -- Rio de Janeiro, RJ : Um Design, 2024. -- (Projeto antologia poética)
PDF

Vários autores.
ISBN 978-65-983281-1-5

1. Poesia brasileira 2. Poesia - Coletâneas - Literatura brasileira I. Tribunal Regional do Trabalho da Décima Quarta Região. II. Escola Judicial do Tribunal Regional do Trabalho da Décima Quarta. III. dos Santos, Ariel Rodrigues. IV. Série.

23-155161

CDD-B869.108

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Antologia : Literatura brasileira
B869.108

Apresentação

Eis a obra de 20 autores, alguns renomados, outros neófitos como eu, mas todos igualmente apaixonados pela arte de contar histórias. São 26 textos, poesia e prosa, uma autêntica expressão da divina experiência de trazer e ser trazido à luz.

Mãe nossa, na Terra ou já no Céu, a você foram dedicadas estas pequenas obras, cheias de sinceridade, de carinho, de amor e de saudade.

Aproveitem a leitura resultante desta inspiradora reunião de vivências, proporcionada pelo Tribunal Regional do Trabalho da 14a Região, que eterniza mães, avós, esposas e todas as mulheres com quem caminhamos.

Edson Carvalho Barros Júnior
Juiz Titular da 4a Vara do Trabalho de Rio Branco-AC (TRT14)

Prefácio

Caros leitores,

É com imenso prazer que apresentamos a “Antologia Poética - Amor de Mãe”, uma coletânea que celebra uma das figuras mais emblemáticas e universais: a mãe.

Este livro nasce da vontade de homenagear, por meio da poesia, todas as mães e sua influência indelével em nossas vidas. Atravessando fronteiras e culturas, o amor materno é um elo que une a humanidade em sua mais pura essência.

Compilamos, nesta obra, poemas de diversos autores e autoras, cujos versos refletem as múltiplas facetas do amor materno. Desde a ternura e o cuidado até a força e a resiliência, cada poema é um espelho das emoções e experiências que só este amor é capaz de inspirar.

Este livro objetiva não apenas celebrar, mas também inspirar. Ao mergulhar nas páginas que seguem, esperamos que os leitores e leitoras encontrem conforto, reconhecimento e uma nova apreciação para com a figura materna.

No olhar dos poetas e poetisas, podemos ver refletidas não apenas as alegrias, mas também as complexidades de uma relação tão fundamental.

Dedicamos esta antologia a todas as mães – aquelas de quem estamos perto e aquelas que guardamos na memória. Que este livro seja um testemunho do nosso amor e gratidão eternos.

Com carinho e admiração,

Ariel Rodrigues dos Santos
Servidor da Justiça do Trabalho de Rondônia e Acre

Sumário

Anabela Aparecida Silva Barbosa	7
Que graça!	8
Ariel Rodrigues dos Santos	10
Para as Mães do (Im) Possível	11
Barbara Fadul	12
MATERmática	13
Claudio Bulhões Lima	17
MAMÃE Sanfoneira do Brasil	18
Dinalva Barbosa da Silva Fernandes	20
Tantos quantos Amores	21
Eleonora Coelho Dozza	22
Amor Verdadeiro	23
Fabio Túlio Correia Ribeiro	25
Milagre	26
Flávia Cristina Fidélis Moraes	27
Anjos na Terra	28
Flávia Gusmão	29
Mãe	30
Geovânia de Souza Andrade Maciel	31
Violência obstétrica e desumanização	32

Humberto Oliveira.....	34
Minha mãe	35
Poema para a mãe dos meus filhos.....	36
Toda mãe é uma flor.....	37
Poema para todas as mães do mundo	38
 Maria Cesarineide de Souza Lima.....	 39
Quanto Passado!... Quanto Futuro!...	40
Ciclo de Mães	44
Amor Personificado	50
 Maria do Socorro Costa Guimarães	 52
Lulu entre as nuvens	53
 Maria Rafaela de Castro	 54
A cegueira (?) da minha mãe.....	55
 Marileide Lonzetti.....	 57
Mãe	58
 Raimunda Laureci de Paula Chaves	 59
Saudades, Sim! Tristeza, Não!	60
Saudades de Minha Mãe	64
 Rita de Cássia Lopes Mendes	 67
Um minuto	68
 Sidney Pereira Nunes.....	 70
Tú és mãe	71
 Yasmin Lonzetti Skovronski.....	 72
Mãe: doce ternura.....	73



Anabela Aparecida Silva Barbosa

Sou a Anabela. Uma mulher parda, de 42 anos, 1.64cm, 58kg, cabelos pretos na altura do ombro, olhos pretos. Casada há 23 anos, com duas crianças lindas um menino de 9 e uma menina de 7. Sou mãe!!!! E minha mãe é uma pessoa incrível. Sou pedagoga e atuo na educação há 27 anos. Apaixonada por leitura, filmes, séries e claro brincar com meus filhos. Sou professora - Pedagoga e trabalho no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Rondônia - IFRO/Campus Porto Velho Zona Norte. Sou Mestre em Educação - UNIR e pesquisadora do GPED (Grupo de Pesquisa em Educação a Distância), GEPIA (Grupo de Estudos e Pesquisa em Inovação e Sustentabilidade da Amazônia) e do GEP (Grupo de Estudos Pedagógicos)

Que graça!

Enche-se de graça!
Com a plenitude de ser e de outro ser constituir
Uma alegria que arrebatava a alma
A esperança concreta de um devir

Um mais que existir...
Além de tudo
É ao mesmo tempo
Força
E enfraquecimento!

Sem dúvida uma completude
Mais que você
Um outro
E eis que se coloca eternamente
Ao abraço que cura suavemente

A certeza de que nossas verdades são sempre provisórias
O movimento de per si
Antes um egoísmo puro e acabado
Agora?
Uma constante instaura-se aqui
A do aconchego e de ser doado

Antes, agora e adiante...
Como poderia imaginar
Profundamente o motivo que encante
Todos os dias é brincar

Da sensação do borboletar
Ao primeiro momento do chorar
Que traz a certeza
Amor maior não há

E os dias cinzas e frios
Seguem então um caminho de colorido
Raios de luz preenchem
Com sorrisos, com colo
Com histórias para dormir
Com jogos, com lego
Com laços
Muitos abraços
Não nego.

O dia até parece cumprido
A exaustão abate o ventre às vezes esquecido
E aí
O palpitar ascende
Vem para diversão
Noite de pijama
Educar é constante preocupação
O olhar e o jeitinho
De quem faz a vida ter razão
É aquela pessoinha
Que mais que tudo
Você AMA!



Ariel Rodrigues dos Santos

Natural de Porto Velho/RO, 35 anos, é servidor da Justiça do Trabalho da 14a Região (RO e AC) desde 2015, onde atua como facilitador do desenvolvimento de iniciativas voltadas à capacitação de magistrados e servidores. Formado em Ciências Biológicas e Direito pela Universidade Federal de Rondônia. Nas horas vagas, sente, pensa, escreve, cozinha e fotografa.

Para as Mães do (Im) Possível

Para a mãe que desafia o impossível,
Com coragem, determinação, e amor incrível.
Nas noites escuras e dias de luta,
Você brilhou, minha mãe, com força absoluta.

Nos seus braços encontrei abrigo,
Na sua voz, o conforto e o amigo.
Mesmo quando o mundo parecia desabar,
Você segurou minha mão, me fez levantar.

Com cada passo, com cada gesto seu,
Você me ensinou o que é ser forte e seu.
Mesmo diante das adversidades mais cruéis,
Seu amor inabalável, mãe, é o que me fez.

Nas lágrimas e sorrisos que compartilhamos,
Seu amor, minha mãe, jamais deixamos.
Você é a luz que guia meu caminho,
A inspiração que me faz seguir, mesmo sozinho.

Mãe, com todas as dificuldades enfrentadas,
Seu amor por mim nunca foi diminuído.
Por isso, hoje e sempre, quero te dizer,
Obrigado por tudo, mãe, por me fazer crescer.



Barbara Fadul

Sou mãe solo e aprendiz na arte de maternar, filha que aprendeu a ressignificar e horizontalizar a relação com a mãe, defensora do poder revolucionário do afeto feminino genuíno entre mulheres, apologista do declínio da romantização da maternidade - que é feita de amor, mas tbm de estatísticas que massacram mulheres -, feminista lutadora pela ainda não existente humanização plena de mulheres, professora e participante ativa da educação pública, gratuita, de qualidade, laica e transformadora.

MATÉRMÁTICA

Até os 10 meses de vida, uma criança vive cerca de 43 semanas, 301 dias, 7224 horas.

Considere que a mãe tenha um ano (!) de licença no trabalho, e o pai tenha emendado a licença paternidade às férias. Depois de pouco mais de 1 mês, suponha que o pai passe a chegar à casa por volta de 18h (quando não há eventos ou exercícios “para desestressar”), e a criaturinha durma às 20h. Descontando as aproximadas 10 horas (!!!!) de sono da criança, a partir de um mês de vida, a convivência da mãe, de segunda a sexta, com o rebento é de 70 horas enquanto a do pai é de 10 horas, arredondando pra cima.

Suponhamos que, nos fins de semana, a divisão ocorresse, o que não costuma ser verdade, porque quase todos os eventos e lugares que o bebê frequenta costumam ser pesquisados e oferecidos pela mãe, mas vamos supor que fosse dividido. Essa conta fecharia assim: 7 vezes mais presença da mãe. E sabemos, os que criam um filho, que não é só questão de presença, é responsabilidade, atenção pleníssima, são demandas que vão de higiene a aspectos emocionais. Mas esse papo é só sobre matemática, sigamos.

Suponhamos que, a partir dos 10 meses de vida, a criança inicie a adaptação na escola, devagar, gradual e, na medida do possível, respeitosa. A mãe, provavelmente, pensa nisso para retornar ao trabalho de forma mais tranquila, ela procura estabelecimentos, ela negocia, ela pesquisa. (Ah, cabe aqui falar sobre pesquisa. A partir da maternidade, a busca do Google difere muito entre mães e pais. Das mães, costuma mudar totalmente desde antes da chegada do novo ser. Dos pais, já não tanto. É amamentação em LD, IA por BLW, a birra do TT e outras siglas e infinitas leituras mais. Então não é só o tempo de mão na massa que conta, porque, enquanto o bebê dorme, o tempo “livre” da mãe costuma ser usado de forma bem diferente do dos papais, mas isso é assunto para outra hora).

Imagine que, após 13 meses de convivência quase exclusiva com a pequenina criança, a mãe retorne ao trabalho. Dividida entre as demandas profissionais e as de criação de um ser, a mãe começa a se incomodar com a terceirização imposta por uma (i)lógica capitalista e embrutecedora, o que para o pai, que experimenta 10 horas semanais há um ano, não causa incômodo algum. Não precisa dizer que, enquanto o discurso de muitas mães é “saí antes, vou buscar mais cedo na escola”, o de alguns papais é “mas não estamos pagando até 19h?”.

Segue o baile. É preciso aqui também destacar que o baile da exploração feminina pode até seguir algumas vezes com certo êxito até ter uma criança na parada, e a mulher então decidir que não quer mais um filho e sim um companheiro. Aí, pessoal, OU é (1) amadurecimento compulsório do papai OU (2) é aceitação e digestão constante (porque ultrapassa o “engolir”) de sapos da mamãe - seja pela dependência que for - OU (3) é separação. Nesse caso, vamos supor que, na inexistência de (1) e na impossibilidade de (2), a opção foi (3). A matemática já desigual, o assunto dessas linhas, muda então ainda mais drasticamente. Sabemos que a regra agora, em casos de separação, é a guarda compartilhada. E ela, nesse caso, funciona assim: a cada 14 dias, 11 dias com a mãe, 3 com o pai. Por mês, esse esquema de “compartilhamento” dá 24 dias com a mãe, 6 com o pai (considerando, claro, que os 6 dias com o papai costumam ser programados e geridos pela mãe e/ou terceirizados por outras mulheres - avó ou tia paterna, namorada, amiga, vizinha etc.-, enquanto os outros 24 costumam ser organizados e materializados só pela mãe mesmo, dá para ter ideia que de “compartilhada” é só o nome da guarda). Dizem por aí que os papais fazem questão desse modelo de guarda e até ameaçam mães, mas participarem efetivamente da criação, aí não, dá muito trabalho.

Voltemos ao protocolo 24x6 - um luxo, já que para a maioria é 26x4 mesmo. Quando tudo dá certo (o que, pasmem, não costuma

acontecer), a resposta materna é “apenas” 4X (q-u-a-t-r-o vezes) maior que a paterna. Em um ano, isso dá a bagatela de 288 dias, ou 6912 horas com a mãe louca, reclamona e exagerada contra os 72 dias, ou 1728 horas - TERCEIRIZADAS - com o paizão divertidíssimo e “participativo”. (A essa altura, já me perdi nos percentuais, quem ajuda?).

Agora, imagine que a mãe, incomodada com a então parca convivência com a criança depois de retorno ao trabalho, o que para o pai estava ok há dois anos, comece a buscar alternativas de melhoria profissional que fossem tanto refúgio da violência urbana crescente como também permitissem mais flexibilidade de horário. Imagine que ela seja aprovada e convocada num concurso para atuar em outro estado, sem, óbvio, resistência do papai.

Agora, os suados 72 dias anuais paternos se transformam então em videochamadas (nos fins de semana é aquela incógnita, afinal atrapalhar a programação não pode) e menos de 30 dias de presença. A proporção aqui, considerando o esquema de “compartilhamento”, passa para, na melhor das hipóteses, 335 dias, ou 8040 horas, com a mãe para 30 dias, ou 720 horas, com o pai. Mais de 11 vezes maior para a mãe.

Pense que o paizinho guerreiro, muito injustiçado, sofrido e saudososo, costume encher a própria rede social de fotos e declarações de amor. “Parece tão presente”, dizem, mas é provável que use uma foto da cria com dois anos para parabenizá-la pelos cinco. É provável que grite por aí que é impedido de exercer a parentalidade (se souber que existe a palavra, claro, porque não faz parte das suas googladas e leituras por motivos óbvios). É provável que, caso preste algum suporte financeiro ao seu filho, o que muitos não fazem, ache que o percentual que paga é demais para uma criança. Nunca criou, não tem mesmo como saber quanto gasta. É provável até que processe os filhos por isso, vai saber!

Aí, fora os números, ficam as perguntas: será que esse pai sabe quantos banhos toma uma criança em um ano? Quantas refeições são programadas e preparadas? Quanto o guarda-roupa tem que ser renovado pela velocidade com que crescem? Será que sabe quantas vezes eles vão ao banheiro sob supervisão? Sabe o quanto interrompem o que quer que seja pelos mais variados motivos, porque são crianças (e tudo bem)? Será que sabe que crianças são dependentes - fisicamente, emocionalmente, psiquicamente, financeiramente? Sabe quantas vezes caem e pedem acalanto, alento, beijinhos sara-dodói? Quantas vezes pedem água, suco, lanchinhos, brinquedos, desenhos, atenção? Atenção, será que imagina o quanto pedem o tempo todo? Será que imagina como é desfraldar, colocar pra dormir e os outros desafios diários? Sabe que podem ser manhosos, teimosos, resistentes, nervosos, sensíveis? E quantas vezes demandam brincadeiras no chão, desenhos, criatividade e jogo de cintura, será que sabe? Sabe, ainda, quantas histórias são contadas? Quantas descobertas são feitas pelo cuidador e pelo ser cuidado em um ano? Menos complexo que isso: será que sabem quanto calça o filho? Qual é o número da pediatra? Sabem se o esquema vacinal está em dia? Nessa MATERmática, há números interessantes, cálculos complexos, trabalhos IN - infinitos e invisíveis, mas voltemos à guarda: compartilhada pra quem mesmo?



Claudio Bulhões Lima

Filho de Carlos Almeida Lima e Luci Bulhões Lima, casado, pai de 03 filhos, Yasmim, Igor e Iago Tinoco Lima. Formado pela UFRN em Licenciatura Plena no curso de Educação Física e Bacharel em Direito perante a Universidade Potiguar - UNP. Trabalha desde 1992 perante o Tribunal Regional do Trabalho da 21ª Região. Iniciou suas atividades laborais neste mesmo ano na Secretaria de Tecnologia da Informação, aonde permaneceu por aproximadamente 17 anos, quando percebeu que precisaria mudar de setor para alçar novos vãos. No ano de 2009 foi trabalhar perante a 6ª Vara do Trabalho de Natal, exercendo o cargo de Secretário de Audiência. No ano de 2015, após começar a se identificar com a mediação de conflitos, foi trabalhar no Centro Judiciário de Solução de Conflitos e cidadania de Natal (CEJUSC). Treina AIKIDO há aproximadamente 17 anos e com seu mestre e professor RODRIGO, o qual foi também seu professor no curso de CNV, tendo este feito o curso com o próprio MARSHALL B. ROSENBERG que desenvolveu a COMUNICAÇÃO NÃO VIOLENTA (CNV). Atualmente desenvolvo um trabalho de divulgação e aprimoramento dessa ferramenta para pacificação da humanidade.

MAMÃE Sanfoneira do Brasil

Mamãe sanfoneira do Brasil
Quero que você venha aqui
Cantarolar, cantar para o mundo
E evangelizar.
Todos os dias de manhã
Tento despertar com fé
Mamãe Luci fica esperando
o seu arrasta pé, tomando o seu café.
E se a benção não chegar
Fica sem se falar
Chega santo espírito
Dentro do meu lar
Sou passageiro do amanhã
Viajo na sua luz
E a tua graça
Em tudo me seduz, comendo seu cuscuz.
Mainha você me representa
Sei que não esquentar
Sonho, sorriso e muita polenta
Na cidade de Natal, para ficar especial.
Mamãe sanfoneira do Brasil
Quero que você venha aqui
Cantarolar, cantar para o mundo
E evangelizar.
Todas as noites antes de dormir
Falo do meu amor por ti
Chega Santos Espírito
Na vida da minha mãe Luci.
Eu retorno desta missão
Enchendo seu coração
Café, bolo, muita emoção

Na sala da comunhão, comendo o seu feijão
Mamãe sanfoneira do Brasil
Quero que você venha aqui
Cantarolar, cantar para o mundo
E evangelizar.



Dinalva Barbosa da Silva Fernandes

Filha de Lindaura Barbosa e Antônio Alves, Mãe de Jaqueline, Heitor e Enzo. Esposa de Maurício Fernandes. Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal de Rondônia. Especialista em Formação Pedagógica de Professores para EPTs. Graduação em Letras/português pela Universidade Federal de Rondônia e graduada em Pedagogia pela Faculdade Intervale. Servidora do Instituto Federal de Rondônia -IFRO.

Tantos quantos Amores

Um
Dois
Três
Amor sem fim!
Mãe
Avó
Bisa
Tantas mais enfim!
Trisa
Tetra
Tata
Por aí vai assim!

Não dividi.
Soma, multiplica.
Só aumenta.
Cria da cria.
Não se esvai, vai e fica.
Quando pensa que já é tudo.
Sempre cabe mais um!
Adota: nora, genro, enteado, enteada...amigo, amiga...
Aglutina, só cresce a lista.
Não importa se longe ou perto.
Amor de Mãe!
É amor certo.
Amor que não olha defeito.
Quanto mais precisa, mais tem.
Quanto pior, dela vem o melhor.
Só suporta, as dores, as cores, os altos, os baixos.
Compreende, mesmo incompreendida.
Segue na vida, até quando esquecida.
Infinda!



Eleonora Coelho Dozza

É gaúcha de Porto Alegre. Mãe da Camila. Formada em Bacharelado em Direito pela UCS e discente em Letras pelo IFRS. Mestre pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul em Direito Alemão e Europeu, sob o tema “Uso secundário de dados pessoais e seu fundamento no legítimo interesse no Brasil pós-LGPD”. Professora de idiomas: inglês, francês, alemão e português para estrangeiros por mais de 20 anos, na Serra Gaúcha: Caxias do Sul e Bento Gonçalves. Advogada por alguns anos e servidora pública federal do TRT 14ª. Apaixonada por todos os gêneros literários, principalmente a prosa. Incipiente no gênero mais desafiador: poesia.

Amor Verdadeiro

Criatura dominante,
que embala os meus dias,
me faz pequena e grande,
me enchendo de alegrias.

Não me perguntes como estou.
Conheces o meu coração.
Fiel, como jamais imaginei,
Escuta a minha voz,
e já sabe o que eu pensei!

Minha alma é pequena ao teu lado,
nobre criatura,
justa criança,
linda mulher!
Tenho medo de, um dia,
não me queres mais!

Vai para o mundo,
criatura dominante!
Mas me leva junto!
Eu caberei nos teus sonhos,
discreta criatura,
e saberei me afastar, se desejares.

Tenha dó dessa mãe-criança,
que só tinha amor pra te dar!
Perdoa os meus tropeços,
mas não aplaudas os meus acertos,
pois são frutos do tentar!

Conta-me teus desejos,
que te cobrirei de esperança.
Conta-me tuas angústias,
que te darei meu colo.
Mas jamais me coloques na estante.
Me leva em tua bolsa preferida:
aquela, colorida,
que eu tenho pra te dar!

Sim, muito tenho pra te dar!
E jamais será suficiente...
Pois foste tão grande presente,
que nada vai superar!



Fabio Túlio Correia Ribeiro

Nasceu em João Pessoa-PB. É bacharel em Direito pela Universidade Federal da Paraíba, com mestrado em Direito e doutorado em Estudos em Direitos Sociais. Ingressou na magistratura em 2/2/1994. Foi empossado como Desembargador em 6/4/2010. Foi presidente do Tribunal Regional do Trabalho da 20ª Região no biênio 2014/2016.

Milagre

(À minha sobrinha do coração)

Cada gesto transborda afeto,
A revelar do desejo a fina flor.
Rimas e risos, sonho discreto:
O tempo da espera repleto de ardor.
Longe é medida do pensamento,
Invoca saudade de quem vai chegar.
No ventre ditoso, pulsa o divino.
A métrica da mãe é viver para amar!



Flávia Cristina Fidélis Moraes

Sou Rondoniense, filha de Olivia Fidélis Moraes e Francisco Moraes de Oliveira. Atual assessora Pedagógica na Escola Judicial do TRT 14^a e sou pedagoga com mais de 10 anos de experiência, atuando como professora e coordenadora pedagógica em Escolas regulares e Escolas Corporativas. Bacharela em Direito pela Universidade Federal de Rondônia-UNIR. Além disso, sou mãe de dois meninos lindos, Marco Aurélio e João Marcelo aos quais sou apaixonada.

Anjos na Terra

Mãe Rainha, mãe soberana, mãe de todas, mãe Maria,
A ti louvo e agradeço por tudo em minha vida.

As mães terrenas são como anjos em forma de gente,
Que bênção ter a minha por perto, tão presente.
Ela orienta, ela afaga, ela aconselha, ela puxa as orelhas.

Minha Rosa Olivia, a rainha do meu jardim.
Se eu vivesse mil vidas, as mil vidas seriam dedicadas a ti.
Mãe é o amor que permeia a terra.

Ser mãe é o florescer da minha melhor versão,
Um privilégio, uma dádiva, uma canção.
De ser mãe de vocês, meus alecrins dourados,
Marco Aurélio e João Marcelo. Meus amados.

Meu amor por vocês não tem limites,
É eterno, profundo, é Infinito.

Ser mãe é crescer e amadurecer,
É compreender o verdadeiro propósito do meu ser.



Flávia Gusmão

Atualmente exerço o cargo de Agente da Polícia Judicial no TRT 6ª Região, formada em Direito, com mestrado em Direitos Humanos e concluindo o Doutorado em Direito. Amo ler, viajar e ficar com minha filha. Toda minha vida e tudo que sou está nas mãos de Deus.

Mãe

Trabalho, Estudo, Filhos, dia-a-dia...
Tantos momentos de tristezas, alegrias.
Tudo isso dificulta demonstrar o sentimento
Guardado aqui dentro do nosso peito.

Mas tem dias, que podem até ser comerciais.
Contudo, são muito úteis para expressar nosso amor.
O que deveríamos fazer também nos dias normais.

É por isso que vou aproveitar a oportunidade
Para mandar embora a saudade
E homenagear ela... MINHA MÃE!
Assim mesmo em caixa alta.
Porque ela é isso e muito mais...
É colo,
É incentivo,
É carinho,
É inspiração,
É puxão de orelha,
É oração,
É vovó coruja,
É amor, simples e forte!
Na verdade, eu tenho é muita sorte,
Simplesmente por saber que dentre tudo isso
Como já disse, ela é MINHA MÃE!

Que essa pequena homenagem,
Consiga demonstrar minha gratidão e amor.
Pelo o que a senhora representa na minha vida
Obrigada por existir e por tudo... MINHA MÃE.



Geovânia de Souza Andrade Maciel

Filha da dona Maria Edjane, mãe guerreira que mesmo com pouco estudo e numa vida cheia de turbilhões, não deixou de ser a mola propulsora a seus filhos no caminho da educação como transformação. Mãe e esposa, realizada com os dois presentes que Deus deu: Letícia Gabrielly e Larissa Emanuely. Duas filhas maravilhosas que além de bênçãos em vida, são como flechas que a tornam mais forte e persistente nessa luta diária da vida.

Violência obstétrica e desumanização

Quantas torturas guardadas nas paredes das salas de partos...
Quantas mutilações, quantas humilhações!
Minutos de violência viram na mente eternidades...
São cicatrizes profundas que muitas mães vivem na maternidade.
Alguns relatos são tratados como inverídicos
Pois perpassam a insanidade humana: “É claro que isso não pode ter acontecido!”
Quantas mães caminham impacientes, dolorosas...
Mas exigem que devam estar felizes pra essa melhor hora
Poderá as dores ser aliviadas através dos gritos???
Não, ali não pode gritar. Exigem silêncio. Devem obedecer ao rito.
Suplicam por ajuda, suplicam por um acolhimento... um mínimo de atenção humanizada
É uma mãe que por seu filho suplica desesperada.
Em troca recebem sorrisos sarcásticos, piadinhas de humor
Que só comprovam a pouca importância que dão àquela mãe e a sua dor!
Medo de deixar o filho órfão...
Medo de partir e não poder ver o sorriso que ansiosamente esperara por meses para ter em sua mão...
Medo maior surge quando as horas passam e dizem que o bebê também está em sofrimento...
“Se você não fizer tudo certinho pode sair daqui sem seu rebento!”
Vítimas indefesas... pedem socorro!
Mas ajuda daqueles que a vitimizam em coro?

Tamanha violência logo é deixada de lado
Quando se escuta o pulsar mais perto, tudo fica extasiado...
Sentir pertinho aquele coração que batia dentro de nós
E a emoção de saber que jamais estaremos a sós

E fica a dor apenas na lembrança de um coração sofredor:
Coração de mãe deve ser um colo amparador
“Mãe nasceu pra sofrer pelo seu filho
E passar por cima de qualquer martírio”!

NÃO, definitivamente precisamos dizer não!!!
Precisamos de transformação
Violência obstétrica é desumanização
A luta agora é deletar essa doce ilusão
O parto pode ser inesquecível e sem mortificação
Temos que despertar o calor humano
E as brutalidades devem sair de baixo do pano
E passar a ser sinônimo de punição
Porque quem agride uma mãe em parto não merece absolvição!
Precisamos sim fazer o pranto do parto virar canção...



Humberto Oliveira

Nasci em Fortaleza há 60 anos e há 27 resido com minha família em Porto Velho. Sou jornalista, cinéfilo, colecionador de filmes, cds e livros, amo e escrevo poesia desde os 13 anos. Sou casado com a Katia, servidora do TRT/RO/AC e temos dois filhos Carolina, 18 anos e Daniel, 13. Trabalhei com publicidade, ministrei cursos de História do Cinema e também de roteiro e atualmente exerço minha profissão na assessoria de comunicação da Federação das Indústrias de Rondônia (FIERO), Sesi, SENAI e IEL. Sou fã de Vinícius de Moraes, Augusto dos Anjos, Manuel Bandeira, Florbela Espanca, Cecília Meireles e tantos outros poetas e poetisas. Ler é um vício e um prazer, assim como escrever, ouvir música, assistir filmes e estar com minha família, maravilhas que não têm preço.

Minha mãe

Minha mãe tem cabelos brancos
E já passou dos 80 anos de idade
Conto com seus conselhos francos
Ela faz parte da minha felicidade

Ela me deu a vida de presente
Benção sagrada de Deus, nosso Senhor
Minha mãe está sempre presente
Pois é doce e sincero o seu amor

Mãe, mesmo estando tão distante
Sinto você em mim a todo instante
Por Deus às mães são abençoadas
Não há mulher mais importante

A benção minha mãe querida
Mulher forte que não se apequena
Você faz parte da minha história de vida
Você é especial, dona Francilena

Minha mãe, entre nós não há engano
Sempre posso contar com seu carinho
Mãe, você é luz que ilumina o meu caminho
Mãe, este poema é dizer eu te amo.

Poema para a mãe dos meus filhos

*A mãe dos meus filhos é uma mulher fenomenal
Ela é realmente muito especial
E sinto amor sincero, apreço e admiração
É dela minha alma, meus sonhos e meu coração
Katia é uma mãe carinhosa e dedicada
Uma genitora querida e amada
Uma mãe sempre atenta e presente
Que cuida dos filhos e da família com dedicação
A mãe dos meus filhos merece uma antologia
E não apenas uma única poesia
Merece uma louvação a tudo que ela faz
Katia, é uma mãe cem por cento
Está com os filhos a todo momento
É ela que nos ilumina e dá paz
Ela é uma mãe estrela de cinema
Uma mãe que neste simples poema
Meus filhos e eu declaramos
Mamãe Katia, nós a amamos.*

Toda mãe é uma flor

*Toda mãe é uma flor
Perfumada pelo amor
Que Deus fez nascer em seu coração
Toda mãe é uma guia
Que nos leva pela mão
Inspiração desta poesia
Toda mãe é uma emoção*

*Toda mãe é uma estrela
Cuja luz ao sol supera
Em beleza e magnitude
Toda mãe é uma rainha
É outono, e primavera
Perfumada sensação
Toda mãe é uma heroína
É mulher e é menina
Toda mãe é humana, é divina.*

Poema para todas as mães do mundo

Existe mãe católica, mãe de Santo e espírita
Tem mãe judia, muçulmana e evangélica
Existe mãe preta, branca, indígena e europeia
Mãe dona de casa, cantora e cientista
Todas as mães do mundo merecem
Um poema em sua homenagem

Elas são feitas de sorrisos e atenção
De carinho e muitos cuidados
Mães são presenças constantes e essenciais
São poemas escritos por Deus e os anjos
São canções inspiradas e encantadoras
Elas são as mais belas criações do Senhor
Em cujo coração, Ele plantou e semeou amor sem limites
Nada é mais forte e infinito do que o amor de mãe
Todas as mães do mundo merecem um poema
Um por dia, todos os dias, a vida toda



Maria Cesarineide de Souza Lima

Acrena, filha mais nova de Francisco Quintiliano de Souza (*in memoriam*) e de Francisca Chagas da Costa. Magistrada no TRT da 14ª Região, que abrange os Estados do Acre e Rondônia. Seu amor pela poesia sempre esteve presente em sua vida. Em alguns acórdãos, em que é Relatora, menciona algumas de suas poesias.

Quanto Passado! ... Quanto Futuro! ...

Ah! Quisera eu ser
Uma singela pintora,
Ainda que amadora,
Para desenhar na tela
Os meus dois amores
Com luzes e cores
Nesta tarde tão bela!

Ah! Quisera eu ter
O talento das roteiristas,
A habilidade das artistas
Para, com esmero, descrever
Uma grandiosa cena
Em que a bisá contracenava
Com sua bisneta pequena,
Ambas protagonistas!

Ah! Quisera eu ser
A mais atenciosa observadora,
A observadora comovida
Que olha contemplativa
As fases bonitas e diversas da vida:
Encontro de gerações
Que provoca tantas reflexões.

Ah! Quisera eu ter
A capacidade de eternizar
Os mais lindos momentos
Que a vida nos proporciona,
Nos envolve, nos emociona,
E todos eles colecionar

No rosário dos nossos sentimentos.

Vejo minha mãe no canto da sala,
Uma antiga e devotada professora,
Quieta! Nada fala!
Ao ouvir o girar da maçaneta,
Seu coração dispara,
Ela se depara
Com sua mais nova bisneta.

Enternecida, a bendiz e diz:
Tão linda!
Ela sai da sua apatia,
E sua voz ressoa
Bailando pelo ar
Numa genuína alegria!
Que bisnetinha bem-vinda!

A bisa, uma Senhora quase secular,
Que não se vê como idosa,
Mas, uma imponente castanheira
Que jurou a vida inteira
Aos seus entes queridos amar
De forma ardorosa e altaneira.

A bisneta é o verde da floresta,
Uma doce menina
Que radiante desperta
Em festa,
Para uma vida cor de rosa,
Ditosa.
Ao seu redor, tudo ilumina.
Ela é promessa do verbo amar!

Bisa e bisneta se entreolham.

Quanta diferença! Quanta querença!
Quanta semelhança! Quanta aliança!
Quanto passado!... Quanto futuro!...
Quanto amor aprendiz! Quanto amor maduro!

No rosto da bisa,
O registro do tempo,
O entardecer.
No rosto da bisneta,
Poucos meses de nascimento,
O amanhecer.

No rosto da bisa,
A experiência.
No rosto da bisneta,
A inocência.

A bisa é a árvore, a semente!
A bisneta, o fruto, a flor!
Elas são de épocas tão diferentes,
Mas entrelaçadas pelas raízes do mesmo amor!

A bisa, mãe referência,
Vê, na bisneta Maria,
Todas as Marias,
Todas as suas crias:
Filhas, netas e demais bisnetas!
Enxerga toda a sua ancestralidade.

Já a bisneta inocente,
Pura, formosa, sapeca
Que fica a sorrir,
Ao dar os primeiros passos.
Que brinca feliz e contente
Com a sua primeira boneca,

Ainda não sabe que no porvir
Poderá ser uma mãe de verdade.
E as histórias de sua bisa, de sua avó, de sua mãe
Na sua história de vida repercutirão,
Terão continuidade.
E nos mesmos compassos,
Seus corações de mãe baterão.
Bisa e bisneta
São fontes de vida,
São fontes de felicidade,
São fontes de um amor imortal!

Que todas as emoções
Vividas neste dia especial
E que tocaram tão forte em mim
Transformem-se num mosaico de corações,
Num mosaico de amor sem fim!
Que já não haja mais eu quisera,
Mas o nascer de uma nova era!...

Ciclo de Mães

Minha mãe Chagas,
A primogênita da vovó Cesarina,
Tão linda!
Muito jovem ainda,
Preparava, nas horas vagas,
O enxoval do seu menino
Ou da sua menina.

Imatura e inexperiente
Suas emoções mudavam de inopino,
Iam do chão às montanhas,
Das montanhas ao chão,
De repente,
Tal qual uma gangorra.

Sentada no caramanchão,
Impaciente dizia para o tempo:
Corra!
E, para se acalmar,
Fazia crochê, fazia tricô,
Bordava fraldas e camisinhas
Com carinho e amor.

Outras vezes, rezava,
Rogando saúde e perfeição
Para o ser que crescia nas suas entranhas.

Outras, ria à toa,
Achava a gravidez boa.
Pensava no rostinho do seu bebê
E cantava baixinho
Lindas cantigas de ninar.

Ah! Que vontade de o abraçar!
Para aguardar, se animar,
Pedia ao tempo: voa!
Num belo dia próximo ao Natal,
Ela recebeu de Deus um presente especial:
Uma linda menina!
Sua primogênita chegou.
Tão linda!
Deu-lhe o nome de Cesarina,
Nome igual ao de sua mãe
Por quem sentia imenso amor.

Os primeiros dias da maternidade
Trazem prazer e também dificuldade.
Cuidar, amamentar,
Tudo exige tempo, dedicação integral,
Noites mal dormidas e muito sacrifício.
Mas também proporciona alegria sem igual.
É amor, é fé, é dádiva, é força, é doação, é magia.
Entre mãe e filha havia sintonia,
Perfeita conexão, companhia e muita afinidade.

O tempo passava numa grande velocidade
E a jovem implorava a ele: vá mais devagar!
Porém o tempo não sabe fazer outra coisa
A não ser passar.
E ele passou!

A menina cresceu,
A menina se formou,
A menina se tornou professora.
César, assim como sua avó, como sua mãe, também engravidou.

Mario César foi o filho primogênito
O primeiro neto, o primeiro sobrinho.

Menino forte, bonito
Com inteligência singular.

Depois veio Márcio, o segundinho,
O menino loirinho.
E entre ida e vinda,
Entre uma e outra aula,
Trouxe ao mundo a sua menina:
A menina chamada Paula!
A primeira neta, a primeira sobrinha!
Cantou um cântico de louvor.
Se cumpriu a promessa do Senhor!
Uma menina tão linda
Que até o trânsito parou.
César foi uma filha amorosa,
Uma mãe dedicada e pedagógica,
Educava ensinando,
Utilizava o amor e a lógica,
Realizou, na educação acreana,
Um trabalho excepcional.
Foi soberana!
Uma pedagoga talentosa,
Uma Diretora, uma grande gestora,
Uma professora que amava seu alunos
E por eles era amada!
Teve uma vida triunfal.
Teve a graça de conhecer ainda
O amor incondicional.

Sim, Paula, assim como a bisa, como a sua avó, como a sua mãe,
também engravidou
E trouxe ao mundo Pollini, sua primogênita,
Tão linda! Tão bonita!
Uma bonequinha
Por quem se apaixonou imensamente!

Foi uma avó extremada, paciente.
César de todos cuidava,
Mas esqueceu de se cuidar
E, no outono boreal,
Seu coração teve um ataque fatal.

Sua mãe Chagas ficou dilacerada
Já tinha perdido sua mãe Cesarina
Perder Cesarina, sua filha amada,
Sua companheira,
Filha amiga, confidente de uma vida inteira.
Era um grande calvário.
A dor abalou sua estrutura.
Orava nas contas do seu rosário
E inúmeras vezes se perguntava:
Como viver sem essa linda criatura?
Sua alma estremeceu, seu coração doeu.
Ela chorou, mas não envervou.
Buscou em Deus se fortalecer,
Rogou forças à Virgem Maria
Para afastar o desespero, a agonia,
Para renovar suas forças e acolher
Seus netos, bisnetos,
Nos pilares do seu ser.
Sofreu, se comoveu mais ainda
Com as lágrimas infindas
Do menino Gabriel,
Da menina Pollini, tristes e tão desconsolados.
Manteve-os sobre seu peito, abraçados.
E lhes falou, categórica:
A sua avó está no céu,
Mas, aqui, na terra, ainda estou.
Prometo ao lado de vocês ficar,
Ser bisá e ser avó
E todo amor lhes dar.

E o tempo passou...

Hoje, com quase cem anos,
Os cabelos, outrora escuros,
Hoje salpicados pela neve.
Corpo curvado, mais tem firmeza
E espírito elevado.
É tão frágil e, ao mesmo tempo, uma fortaleza.
É ciente de quanto a vida é breve,
Sabe que cada dia merece ser aproveitado.

Chagas conhece da vida os desenganos,
Mas sabe o quanto ela é rica e florida.
Ela aprendeu com a sabedoria da vida
A se consolar, a atenuar a dor
Da filha ausente,
Vivendo o presente.
Atravessa diariamente
Montanhas e vales,
Vivendo um dia de cada vez
Procura manter a lucidez.
Fica atenta aos detalhes.
Usa trapiches para transitar
Entre a realidade e imaginação,
Procurando sentir a filha
No abraço do seu neto mais velho,
Nos carinhos da neta Paula,
Na leitura do evangelho,
No amor, na dedicação,
Nas brincadeiras, na gratidão
Da bisneta Pollini,
A bisneta primogênita
Que traz, na sua essência,
A semente que um dia
Fez parte da trisavó, bisa, avó e de sua mãe

E tem o poder de gerar vida!

A aspiração da bisa é que ela possa seguir nessa trilha,
Quando adquirir independência,
Percorrer o caminho da esperança,
Da herança do Senhor
E perpetuar sua descendência,
Trazendo ao mundo mulheres fortes, independentes!
Mulheres que não se originam da sorte,
Mulheres que são milagres da criação
E, nos seus feitos, nos seus descendentes se perpetuarão,
Assim como são
As mulheres da sua família!

Amor Personificado

Há mulheres
Com uma capacidade de amar infinita
São mulheres belas, benditas,
Que trazem, nas suas essências,
Nas suas atitudes, nas suas experiências,
Desta e de outras vidas,
Decisão,
Firmeza,
Certeza da sua pretensão.

Suas mãos cuidam de árvores
De diversos tamanhos,
São luzes que afastam espíritos tacanhos,
São seres que dão frutos, dão flores,
Dão sementes
Que vão frutificar
Na vida de muita gente.

A bondade que reside nelas
Se manifesta nos seus sorrisos,
Na paz com que decoram o seu paraíso,
Na sabedoria de esclarecer os indecisos,
Na largueza das suas janelas
Abertas, ornamentadas com rosas amarelas
Para perfumar,
Para iluminar
A escuridão de outras vidas.

São mulheres que não choram no leito,
Lutam até não ser mais crível.
Então, preferem focar, solucionar
Naquilo que é possível a vida lhes dar.

Não é conformação, mas sabedoria.
Não adianta se amargurar,
Reclamar, se vitimar,
Se isolar.

Elas têm pressa em construir,
Nasceram para amar, para florir.
Têm um coração
Maior que o oceano,
Mais extenso que o céu.
Impedem que os seres frágeis, as crianças abandonadas,
De viverem ao léu,
No desengano.

Elas as acolhem no colo
Sem documento, sem protocolo,
Saciam sua fome.
Aquecem-nas com seu calor humano,
Dão-lhes casa, um nome.
Desconfio que elas são,
Em verdade,
A realidade concreta de felicidade,
O amor personificado em ser humano!



Maria do Socorro Costa Guimarães

Nasceu em Belém (PA), Bacharel em Direito formada pela Universidade do Pará. Ingressou na magistratura no dia 9 de novembro de 1987. Empossada como Desembargadora em 20 de abril de 1993. Presidente do Tribunal Regional do Trabalho da 14ª Região no biênio 1997-1999.

Lulu entre as nuvens

Na minha infância morava na rua Conceição .

Minha mãe tem o nome de Maria, mas todos a chamam carinhosamente de Lulu, como uma flor em botão.

Na minha casa não tinha muita opção .

Eu era de família humilde, mas com muita animação.

Me sentava junto da janela da sala, em uma cadeira de palha, para olhar as nuvens em formação !

Ali eu tinha tudo, nada me faltava, para alegrar o meu coração

E eu desenhava nas nuvens bonecas de cabelos compridos, brinquedos variados, bolos, sorvetes e pião.

Nesse mundo imaginário, via também o rosto da minha mãe, sorrindo, me acariciando e até prometendo que, se eu fosse desobediente, ia bater na minha mão .

Que doçura!

Que emoção !

Minha mãe também estava ali nas nuvens, me olhando, como Nossa Senhora, em forma de oração !

E ela dizia: Vai filha, como eu, não tenha medo desse mundão !!

E agora é hora de eu dizer Adeus: Vai mãezinha, o Senhor te aguarda na paz celestial e aqui fico lembrando de você sempre, com amor e oração



Maria Rafaela de Castro

Sou filha de Maria Deuzimar de Castro, juíza do trabalho substituta do TRT 7, mas fui juíza substituta do TRT 14, do período de 2010 a 2015. Mestre em Direito Privado pela Universidade do Porto – Portugal. Doutoranda em Direito pela Universidade do Porto – Portugal. Professora de cursos de pós-graduação e da empresa nacional Gran Cursos Online. Escritora do Livro “A greve dos juízes” e de vários artigos científicos e contos literários publicados no Brasil e em Portugal.

A cegueira (?) da minha mãe

Minha mãe ficou cega.

Foi difícil. É muito difícil.

Você passa a vida toda com alguém que te enxerga todos os dias, dá conselhos das cores de sua roupa, do seu cabelo e do que você faz e, de repente, aquela querida pessoa não consegue mais fazer isso, pois ela te vê com a alma e com as lembranças da memória que ela guardou desde que você nasceu.

Os olhos dela estão enfermos. Já pensou nisso: A sua mãe não enxergará suas primeiras rugas nem seus sinais de envelhecimento? Todavia, será mesmo que isso é tão importante?

Será que é preciso um reconhecimento facial para validar um reconhecimento verdadeiro?

Nesses momentos percebemos concretamente que, por vezes, aliás, incontáveis vezes, não somos pacientes porque agimos como se a pessoa tivesse todos os sentidos reunidos como a conhecemos.

Nós, por exemplo, apressamos o passo ou fala de paisagens sem perceber que a pessoa do banco passageiro do carro apenas compartilha daquilo que lhe é falado para compreender o cenário, como se a gente usurpasse todo o domínio da visão do universo.

Eu nunca tive coragem para perguntar o que ela realmente vê quando seus olhos estão fechados ou entreabertos depois do que lhe ocorreu. Não sei se é uma nuvem preta, branca ou incolor.

Minha mãe aceitou a cegueira há alguns anos causada por um misto de sucessivos erros de diagnósticos, efeito colateral da quimioterapia e um glaucoma que avançou impiedosamente para os últimos estágios.

Ela foi perdendo gradativamente a visão sem se queixar. Eu nunca escutei um gesto ou fala de revolta e lamúria. Parece que ela se aceitou como ela tinha que estar e eu reconheço nisso um gesto de grandeza.

A ausência da visão dela é permanente e irreversível. Mas não importa muito para os que a conhecem, pois minha mãe tem luz própria e isso torna ineficiente a cegueira diante de tanta grandeza. Ela tem a sabedoria dos PHDs e a audição de um conselheiro bem requisitado. Pensando bem, ela nem precisa dos dois olhos para ser única porque ela já tem um coração inteiro.

E nem todo mundo tem isso. É um privilégio. Uma dádiva. Um presente divino.

Eu me tornei, sem perceber e entender, a guia de minha mãe, porém, curiosamente, na luz e na escuridão, é ela quem me guia nas decisões mais cruciais do meu destino. E na claridade ou no escuro, na paciência e na minha rotina acelerada, sou chamada a mergulhar de cabeça num mundo que não consigo explicar, porém, é ela a minha luz na escuridão dos seus olhos. Ela é a luz quando estou tateando em dúvidas num nevoeiro de incertezas.

Por isso, decidi homenageá-la, mas não só isso, eu escrevi para fins de dizer que todas as mães, com visão ou sem esta, são as melhores pessoas do mundo.

Feliz dia das mães que veem, principalmente, com os olhos da alma!



Marileide Lonzetti

Nascida em Erechim-RS, em 3 de março de 1963. Formada em Letras pela Universidade Regional Integrada de Erechim, com especialização em Metodologia da Língua Portuguesa e Magistério Superior e especialização em Gestão escolar. Poetisa com cinco livros editados. Membro fundador da Academia Itapemense de Letras - AIL. Professora que atuou como Coordenadora Pedagógica na Educação Infantil.

Mãe

Palavra sublime
Que aquece o coração
Bondade, ternura, encanto
Que transborda emoção.

Guerreira e determinada
Sempre pronta a ajudar,
Com tranquilidade e segurança
Seus filhos irá sempre amar.



Raimunda Laureci de Paula Chaves

Cearense da região Jaguaribana. Gosta de artes, principalmente, música, poesia, literatura e pintura. Licenciada em Letras pela Universidade Estadual do Ceará - UECE e Bacharela em Direito e Pós-graduada em Direito Público pela Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR. Trabalhou como professora. Servidora pública do TRT da 14ª Região, desde 1998.

Saudades, Sim! Tristeza, Não!

Minha mãezinha querida,
Depois de sua partida,
Primeiro ano sem você,
Foi muito difícil viver.

O tempo vai passando,
Aos pouco suavizando
A dor e o enorme vazio
Que permanecem como um rio.

Deus, generosamente,
Me deu minha mãezinha de presente.
Seu amor é para sempre,
É para eternidade,
O mais puro e de verdade,
Que já pude experimentar.

Foram tantas semanas,
Foram tantos difíceis momentos,
De dor e de sofrimento,
Por fraqueza humana,
Não tive coragem
Para a despedida enfrentar.

Mas, em sonhos, ela veio me visitar,
Rapidamente, ela me disse:
“Minha filha, eu não tenho jeito!”
Senti a maior dor na minha alma
E no meu peito.
Acordei assustada,
Fiquei sem norte,

Vi a cara da morte,
Com o tempo aprendi
Que Deus para tudo dá saída,
Mesmo quando nada mais restar.

Nas mãos de Deus entreguei a sua vida,
Chegou o dia e a hora da partida,
Face a face com Deus se encontrar,
No Céu, eternamente, foi morar.
Deus, seja feita a sua vontade!

Senti-me abandonada,
Senti-me órfã e frágil como bebê,
E agora o que vou fazer?
Tive de meus irmãos,
Tive pena de minhas irmãs
Tive pena de mim,
Preciso tanto do colo de minha mãezinha,
Tamanha é a saudade,
Grande é o vazio que não tem fim!...

Hoje, a caminho do segundo ano
Sem a presença de minha mãe viva,
Tento não lamentar,
Mas ainda choro
E digo para mim:
Saudades, sim! Tristeza, não!
Olho para o alto,
Olho para o além...
Sei que a amo muito,
Ela me amou também.

Busco a realidade encarar,
Da tristeza, fugir,
Para frente,

Quero seguir.

Grande foi o seu amor...
Grande era o seu coração...
Com Deus, mamãezinha está,
No paraíso, em paz, ela descansará,
Sem choro, sem sofrimento, sem dor.
No Céu, onde só reina o divino amor.

Para cuidar de mim,
Só tenho, agora,
Nossa Senhora,
Minha doce Mãe Rainha,
Minha Advogada,
Que me ama, me protege,
Me defende e me ampara,
Em todos os momentos,
A Ela toda a honra e toda a glória,
Dela são todas as minhas vitórias.

De minha mãezinha,
Que de Deus atendeu ao chamado,
Recebi o mais precioso legado:
Amor incondicional e infinito,
Amor sem limite e mais bonito,
Sem fronteira, sem barreira.

Tinha tanto, ainda, a me ensinar...
Vou sempre por ela rezar.
A Deus agradecer,
Pela melhor mãe que pude ter.

Neste dia especial,
Do fundo do meu coração,
À minha querida mãezinha,

Minha eterna gratidão!

“Eu sei que vou te amar.
Por toda a minha vida, eu vou te amar.
Em cada despedida, eu vou te amar.
Desesperadamente, eu sei que vou te amar.”

Saudades de Minha Mãe

Mamãe,
Hoje, em vez de lamentar
Sua partida,
Prefiro relembrar
Os deliciosos momentos
De sua vida
Com a família reunida
Do jeitinho que a Senhora gostava.

Esses melhores momentos
ocorriam, principalmente,
Nas festividades do final do ano.
Eu lembro,
Em dezembro,
Havia comemoração do Natal,
Havia a celebração da Santa Missa
Na casa da família Paula Chaves,
Seguindo na fé,
O exemplo da Família Sagrada de Nazaré.

Em dezembro, houve também
Celebração de Ação de Graças,
Celebração das bodas de diamante,
Celebração de sua vida,
É o mês do seu aniversário.
Foram tantos os aniversários...
Os especiais:
Setenta e oitenta anos.

Ah! Sim, oitenta anos!
Que dia memorável!

Toda a família: filhos e filhas,
Netos e netas,
Bisneto e bisneta,
Genros e noras,
Parentes e amigos,
Todos reunidos,
Não faltou ninguém,
Pagou sua promessa
Que a Deus devia.

Um dia de festa:
Com a Santa Missa,
Ao som do violão
Do Senhor João André;
Entrega de flores,
Por filhos e filhas:
Seus amores;
Um delicioso bolo,
Enfeitado, caprichado;
Doces e salgados;
Sucos e refrigerantes.

Pausa!... Um instante:
Sessão de fotos com a família
E convidados;
Tantos abraços!...
As homenagens!...
Os presentes.
Mamãe ficou tão contente,
Mamãe ficou tão feliz!
Emocionada, ela chorou.
Certamente, chorou de felicidade!...

Naquele dia,
Tudo estava tão lindo!

Tudo parecia sorrir!

Agora, mamãe está na eternidade...
Mamãe viveu 87 anos,
Muita idade!
Juro que eu gostaria que ela ficasse,
Aqui, no meio de nós, um pouco mais.

Naquele dia,
Mamãe chorou
De alegria,
De felicidade...

Hoje, eu não posso conter minhas lágrimas:
Choro de saudades,
Saudades de minha mãe,
Saudades que não têm fim!...

Eu só sei, mamãe querida,
Que hei de te amar
Por toda a minha vida!...



Rita de Cássia Lopes Mendes

É economista e graduada em Letras Inglês, é uma figura de destaque no cenário educacional e cultural. Aos 59 anos, ela é a gestora e mantenedora da Sala de Leitura Ojuobá, um espaço dedicado à promoção da literatura e do conhecimento. Sua paixão pela educação também se estende ao estudo de Libras, a língua brasileira de sinais, e à música, áreas nas quais ela se dedica como estudante. Natural de Nilópolis-RJ, Rita carrega consigo o amor por Rondônia, estado que considera seu lar de coração. Atualmente, reside no bairro Panair, onde continua a influenciar positivamente sua comunidade através de suas iniciativas educacionais e culturais.

Um minuto

Onde você está?

Meu coração sabe que você está por perto.

Infelizmente sinto que nem sempre consigo te alcançar.

Mas eu vou melhorar e melhorando nós vamos ficar mais ligadas do que sempre fomos e quando eu precisar sei que você vai estar.

É seu perfil estar presente, se fazer presente, ser atenta, chegar como diria a minha avó: lá vem a tempestade lá vem a ventania. Você arruma e desarruma com a velocidade de quem quer realmente ajudar.

De todos os nãoos que a vida lhe deu, você respondeu com sim, não foram poucos... foram muitos. Vieram com uma força que todos imaginaram que você fosse quebrar. Mas se alguém viu em você fragilidade, não te conheceu de verdade. De frágil você não se permitiu ter nada. Sempre foi a fortaleza do corpo para o trabalho, do pensamento para irradiar, da presença para ajudar, da grandiosidade do coração para doar, da inquietação para não se calar.

Quando a saudade apertar, as lágrimas insistirem em rolar, vou no templo do Tempo ou na igreja rezar, eu sei que você vai estar;

Quando doer demais, vou bater a cabeça na mesa, lá vou me lembrar, vou escutar a Jurema cantar, então sei que você vai estar;

Quando eu olhar para todos os lados e não ver ninguém, vou sair lá fora em busca de alguém para ajudar, não vou precisar andar muito, e quando eu achar sei que você vai estar;

Quando a sua ausência for muito grande, difícil de suportar eu me deitarei para descansar, aí com certeza a gente vai se encontrar. Eu não sei por quanto tempo essa distancia vai durar, mas de uma coisa tenho certeza, longe uma da outra nosso coração não vai deixar a gente ficar.

Te amo eternamente, te amo mais que tudo, te amo mais do que meu eu pode abarcar, minha presença digna, minha fortaleza séria, meu olhar respeitoso, meu caminho reto, minha orientação segura, meu porto de descanso, minha crítica atenta, minha verdade às vezes muito crua...

Sei que seu amor de mãe não vai nos abandonar, sei que na força do vento, do toque de Oiá você sempre vai estar Lá.



Sidney Pereira Nunes

53 anos, trabalha na 3ª Vara do Trabalho de Manaus, parte do Tribunal Regional do Trabalho da 11ª Região, Filho de dona Ana e, pai de Lorena e Renan. Casado com Suely, juntos compartilham uma vida, fortalecidos pela fé cristã.

Tu és mãe

Deus criador, nosso Eterno que tem prazer em criar
De toda sua glória criou um ser para gerar
Tudo foi pensado, planejado e executado
Criou um ser que traria vida e completaria seu trabalho

Resultado da criação de Deus, exuberante obra da divindade
Criou primeiro Eva, mãe de toda humanidade
Contudo filhos darás a luz com sofrimento
E amarás por toda a vida o seu rebento

O fruto do ventre terás sempre em mente
E não importa a idade do seu filho será sempre um menino
Como um bebê que necessita de carinho

Agora, neste dia especial, Deus abençoe nossas mães
E, nós, filhos oremos por elas a Cristo
Para que seus galardões sejam vistos



Yasmin Louzetti Skovronski

Nascida em Erechim-RS, em 1º de março de 1990. Formada em direito pela Universidade Presbiteriana Mackenzie de São Paulo, com especialização em direito constitucional pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC - SP e com especialização em meio ambiente e sustentabilidade pela Fundação Getúlio Vargas - FGV - Ead. É servidora no Tribunal Regional do Trabalho da 12ª Região. Gosta de ler e escrever desde criança. Adora plantas e animais.

Mãe: doce ternura

Mãe é palavra doce
Que lembra aconchego.
Mãe é sinônimo de dedicação
E exalta a ternura em seu coração.

Quem me dera pudesse,
Estar sempre ao seu lado.
Te agradecendo diariamente,
Por todo o cuidado desempenhado.

Como é doce o seu amor
Cheio de carinho e prontidão.
Como fico feliz ao seu lado,
Mãezinha do meu coração.



JUSTIÇA DO TRABALHO
TRT da 14ª Região (RO/AC)

